

austral



Revista de Bordo - Jan/Fev - Inflight Magazine - Jan/Feb

PARIS

**A CIDADE DE MIL
E UM ENCANTOS**

**THE CITY OF A THOUSAND
AND ONE CHARMS**

Este **exemplar** é seu!
This **copy** is yours!

Dundo: A incrível fortuna do passado

Dundo: The incredible wealth of the past

Paula Nascimento: "Interessa-me muito criar conexões"

Paula Nascimento: "I am very interested in building connections"

Vestígios de Mbanza Kongo: Património Cultural da Humanidade

Vestiges of Mbanza Kongo: World Heritage Site

TAG



LÍNEAS AÉREAS DE ANGOLA
ANGOLA AIRLINES

www.tag.com - call center: 923 190 000

nº **125**
2018



Paula Nascimento

“Interessa-me muito criar pontes e conexões”

“I am very interested in building bridges and connections”

Texto text: Miguel Gomes Fotografia photography: Márcio Fernandes

Com um pé na Baixa de Luanda e os olhos estendidos pelo mundo, Paula Nascimento vai trilhando um caminho pouco tradicional para uma arquitecta de formação. Depois de se graduar na London Southbank University, no Reino Unido, começou por experimentar a reabilitação urbana clássica para regressar ao meio artístico e cultural, onde diz sentir-se em casa.

Desde 2011 que é co-fundadora da Beyond Entropy Africa, um estúdio de pesquisa, reflexão e cruzamentos de ideias sobre as cidades africanas. Sobre o tempo, o espaço e a forma. Foi curadora da representação nacional angolana na Bienal de Veneza, em 2013, onde a exposição “Luanda Cidade Enciclopédica” e o artista Edson Chagas deixaram meio-mundo atónito com o Leão de Ouro conquistado.

Com a comissão nacional de Angola na Expo, liderada por Albina Assis, trabalhou em Yeosu (Coreia do Sul), em 2012, e em Milão (Itália), em 2015, ao mesmo tempo que se dedicou a diversos projectos de edição, curadoria, pesquisa e promoção cultural em diversos níveis, países e influências.

Em exposição até 31 de Janeiro, pela primeira vez em Luanda, está o trabalho da plataforma sul-africana !Kauru/Black Collector’s Forum, que se apresenta em parceria com a This is Not a White Cube Gallery e o Banco Económico. A exposição “Being Her(e)” é uma mostra que reúne percepções históricas e contemporâneas do que significa, hoje, ser um corpo feminino africano. Catorze mulheres artistas do continente africano e da diáspora, sob a curadoria de Paula Nascimento (Angola) e Violet Nantume (Uganda), procuram criar um espaço de reflexão sobre o acto de criação de mitos em relação ao corpo feminino, incorporando e interpretando a “mulher” e a interioridade feminina ao abordar temas como o género, a subjectividade, memória, pertença, sexualidade e identidade.

É formada em arquitectura mas tem trabalhado muito directamente em produção artística e cultural, cruzando experiências e mundos diferentes. De onde vem a vontade de reflectir sobre arquitectura e a sua relação com outras expressões artísticas?

São coisas que vêm um bocado de base, ou seja, a vontade de estudar arquitectura veio de um interesse mais abrangente relacionado com as artes em geral. Tive uma educação privi-

With one foot in Downtown Luanda and the eyes turned to the world, Paula Nascimento is treading an unorthodox path for a trained architect. After graduating from the London Southbank University in the UK, she began to experiment with classic urban rehabilitation, returning to the artistic and cultural milieu, where she says she feels at home.

She is, since 2011, co-founder of Beyond Entropy Africa, a think tank researching and reflecting on ideas regarding time, space and form in African cities. She was a curator for the Angolan pavilion at the 2013 Venice Biennale, where the exhibition “Luanda, Encyclopedic City” and artist Edson Chagas stunned half the world and won the Golden Lion.

She has also worked on the Albina Assis-led Angolan national committee for the Expos in Yeosu, South Korea (2012), and Milan, Italy (2015), while remaining engaged in various editing, curatorship, cultural research and promotion projects in various levels, countries and confluences.

Exhibiting for the first in Luanda, under her direction and that of Violet Nantume (Uganda), the !Kauru/Black Collector’s Forum, in partnership with This is Not a White Cube Gallery and Banco Económico, is presenting “Being Her(e)” until January 31, 2018. It is an exhibition that brings together historical and contemporary perceptions of what it means today to be an African female body. 14 Female artists from Africa and the diaspora seek to create a space for reflection on the act of creating myths in relation to the female body, incorporating and interpreting the “woman” and female interiority through issues such as gender, subjectivity, memory, belonging, sexuality and identity.

You’ve graduated in architecture, but have worked very directly in artistic and cultural production, crossing different experiences and worlds. Where does the desire to reflect on architecture and its relationship with other artistic expressions come from?

These are things that come a lot from my upbringing, that is, the will to study architecture came from a wider interest related to the arts in general. I had a privileged education and I had a lot of access to painting, reading, traveling. The cultural milieu is my home, that’s where I feel at home. Academic training came only to complement this desire. In addition, I studied architecture, but not in a traditional way.

legiada e tive muito acesso à pintura, à leitura, a viajar. O meio cultural é a minha casa, é onde me sinto em casa. A formação académica apenas veio complementar este desejo. Além disso, estudei arquitectura mas não de forma tradicional.

Em que sentido?

Tive o privilégio de estudar numa universidade que é muito experimental e que obriga a abrir a mente para outros campos. Em cinco ou seis anos de universidade nunca desenhei uma casa. Mas estudei desenho, fotografia, escrevi ensaios, estudei cinema associado à produção arquitectónica e desenvolvi projectos diversos. Tive oportunidade de experimentar e de fazer coisas diferentes. Interessa-me a arquitectura como forma de reflexão sobre o espaço e sobre como as pessoas se relacionam. E deparei-me sempre com determinadas limitações na prática tradicional. Cheguei a trabalhar como arquitecta em Londres (Reino Unido), durante dois anos, em projectos de requalificação urbana. A mesma coisa no Porto (Portugal). Mas, em 2010, tive oportunidade de me cruzar com alguns amigos e colegas de curso que estavam a fazer outras coisas.

Entre diversos cruzamentos e influências, o que lhe interessou mais, nessa altura?

Um amigo estava envolvido num centro de investigação. Um *cluster* de pesquisa que cruzava diferentes disciplinas para abordar temas relacionados com a arquitectura e com questões espaciais. Era um grupo de vários convidados, de várias áreas, que desenvolviam projectos com interesses cruzados – artes contemporâneas, ciência, arquitectura – a Beyond Entropy Ltd. Ao longo destes anos tive também a influência de dois tutores: o John Bell, arquitecto e artista visual, e o Pascal Schoning, já falecido, que desenvolveu muitas iniciativas no campo da arquitectura cinemática.

Hoje em dia, discute-se cada vez mais a arquitectura e o seu impacto enquanto espaço de reflexão política – sobretudo na forma como o espaço é ocupado e desenhado e que ilações podemos retirar para a vida social, económica e cultural. São temas que lhe interessam?

Não é uma abordagem tão recente, são discursos e debates que já vêm desde os anos de 1950 ou antes mesmo. A questão do contexto físico é importante, mas a questão sócio-cultural também. Os edifícios acabam por ser a materialização do projecto mas é importante analisar como se relacionam com o que está à volta e como as pessoas/usuários interagem com eles e entre si. E não é apenas uma questão do projecto em si, da sua forma e da sua utilidade. Há outras leituras a fazer. Às vezes, há uma visão dos arquitectos a fazer uns riscos e pensamos que a nossa actividade é assim mesmo. Mas não. O meu interesse começa por estas questões mas desenvolveu-se muito por causa do centro de investigação e das parcerias que fomos concretizando.

Nos eventos internacionais que participa fazem muitas perguntas sobre Luanda? Há muita curiosidade?

In what sense?

I had the privilege of studying at a university that is very experimental and forces you to open your mind to other fields. In five or six years of university, I never drew a house. But, I studied drawing, photography, essay writing, cinema associated with architectural production and developed various projects. I had the opportunity to experiment and do different things. I am interested in architecture as a way of thinking about space and how people relate to it. And I have always encountered certain limitations in traditional practice. I worked as an architect in London (UK) for two years in urban redevelopment projects. The same thing in Porto (Portugal). But in 2010, I had the opportunity to meet some friends and classmates that were doing other things.

Between different crossings and influences, what interested you the most, at that time?

A friend of mine was involved in a research cluster that crossed different disciplines to address topics related to architecture and spatial issues. It was a group of several guests from various areas who developed projects with cross-interests - contemporary arts, science and architecture - Beyond Entropy Ltd. Over the years, I was also influenced by two tutors: John Bell, architect and visual artist, and the late Pascal Schoning, who has developed many initiatives in the field of kinematic architecture.

Nowadays, architecture and its impact are increasingly being discussed as a space for political reflection - especially in the way space is occupied and designed and what lessons can be drawn for social, economic and cultural life. Are these topics of interest to you?

It is not such a recent approach. It is a collection of speeches and debates that have gained ground since the 1950s or even before. The issue of the physical context is important, but so is the socio-cultural aspect. The buildings turn out to be the materialization of the project, but it is important to analyze how they relate to their surroundings and how people/users interact with them and each other. And it is not just a matter of the project itself, its form and its usefulness. There are other readings to be made. Sometimes, there is a view that all architects do is draft lines and we think our work is to do just that. But it isn't. My interest starts with these issues, but has developed a lot because of the research center and the partnerships that we have made.

At the international events you attend, do you receive many questions about Luanda? Is there a lot of curiosity?

There is a general interest in Angola. And Luanda, of course. Most African colleagues working in the global context feel that there still are a number of preconceived ideas about African contexts. Much of this work is not representative, because I do not feel I am representing anything. But, I do feel the responsibility to break certain stereotypes and speak of a reality that I know. There is this interest. For a long time, these analyzes were carried out by other people, by other perspectives. Today, I believe that many people want me to apply some of my experience in the city. Which is always a partial, but critical view of someone who lives here and who knows the reality.



Há interesse sobre Angola no geral. E sobre Luanda, naturalmente. A maior parte dos colegas africanos que trabalham no contexto global sente que ainda resistem uma série de ideias pré-concebidas sobre os contextos africanos. Muito desse trabalho não é de representação, porque eu não me sinto a representar nada. Mas sinto a responsabilidade de quebrar determinados estereótipos e de falar de uma realidade que eu conheço. Há esse interesse. Durante muito tempo estas análises foram realizadas por outras pessoas, por outros olhares. Hoje acredito que muitas pessoas querem que leve alguma experiência minha na cidade. Que é sempre parcial mas é uma visão crítica de quem vive cá e de quem conhece a realidade.

São olhares que também podem ser uma forma de criar pontes e conexões com outras pessoas.

É algo que me interessa muito. O cariz geopolítico, as geografias dos afectos, gosto de trabalhar sobre esta realidade. E ter um olhar de dentro mas que também é de fora. É preciso ter algum distanciamento sobre a realidade e desenvolver um pensamento crítico. Estamos num contexto e num momento em que há interesse e as pessoas querem saber, querem ouvir-te a falar e a pensar sobre o teu contexto. É uma luta. A maior parte dos colegas que trabalham fora do continente têm o poder de criar estas dinâmicas, de podermos criar plataformas de diálogo onde nós mesmos somos os protagonistas.

Nas exposições mundiais também levou estas ideias para a representação oficial de Angola, até porque a ideia deste tipo de eventos é conectar as pessoas?

Mesmo antes de colaborar com a comissão nacional visitei quase todas as exposições. Tenho acompanhado este crescimento e visito os outros pavilhões de África. Uma das coisas

They are perspectives that can also be a way to create bridges and connections with other people?

That is something that interests me a lot. The geopolitical nature, the geographies of the affections, I like to work on this reality. And have an inside look, but also looking at it from the outside. We must have some distance from reality and develop critical thinking on it. We are in a context and at a time when there is interest and people want to know, they want to hear you talking and thinking about your context. It's a struggle. Most colleagues working outside the continent have the power to create these dynamics, to create platforms for dialogue where we ourselves are the protagonists.

In the world exhibitions, did you also take these ideas to the official representation of Angola, because the idea of these type of events is to connect people?

Even before working with the National Committee, I had visited almost all the exhibitions. I have been following this development and visiting the other African pavilions. One of the things I face is this exotic idea of Africa. It is true that the world exhibitions are a brand of the country and there is an agenda to follow. At the same time, I try to work with what is available to us in the most intelligent way possible. It's a challenge. The external perception about us and the way we want to present ourselves is always a matter of debate. From the moment we cease to consider ourselves exotic and are able to show the different layers of what we are, we already break many barriers. I like to talk about tradition and contemporaneity. Exoticism, no. We have several traditions, but most of the population is very young.

Often outside the continent, people seem to forget that African countries are very diverse. That sometimes, within the same country, there can coexist several traditions completely different from each other.

com que me debato é essa ideia exótica de África. É certo que as exposições mundiais são uma marca do país e há uma agenda a seguir. Ao mesmo tempo procuro trabalhar com aquilo que nos é colocado à disposição da forma mais inteligente possível. É um desafio. A percepção externa sobre nós e a forma como nos queremos apresentar é sempre motivo de debate. A partir do momento em que nós próprios deixamos de nos considerar exóticos e conseguimos mostrar as diferentes camadas daquilo que somos já quebramos muitas barreiras. Gosto de falar de tradição e contemporaneidade. Exoticismo, não. Temos várias tradições mas a maior parte da população é muito jovem.

Muitas vezes, fora do continente, as pessoas parecem esquecer-se que os países africanos são muito diversos. Que às vezes, dentro do mesmo país, podem coexistir várias tradições completamente distintas entre si.

Nós próprios temos muita coisa que nos aproxima e que nos diferencia. Tive esse impacto dos colegas africanos. No ano passado estava na feira de arte de Joanesburgo e alguém muito activo na cena cultural da Etiópia veio falar comigo. A primeira coisa que me disse foi que tinha estado no Pavilhão de Angola, na Expo de Milão, e que gostaria muito de conhecer a nossa experiência porque está a trabalhar no pavilhão daquele país. Em Milão, muitos africanos vinham dizer-nos que sentiam orgulho no pavilhão de Angola. É interessante esta linguagem comum, esta percepção que temos de andar para a frente e sair da nossa zona de conforto.

A maior parte dos artistas não aprecia a ideia de ser institucionalizado, no sentido de ter uma relação profissional com ministérios, instituições públicas, normalmente com processos e agendas muito rígidas. Como se enquadrar no trabalho da comissão e nesta perspectiva mais institucional?

Acho que uma das chaves é que, no final, o resultado é fruto de um trabalho conjunto de muitos actores diversos. E conseguimos encontrar plataformas de diálogo, o que é difícil no meio de gente com muitas ideias. Haver abertura para as pessoas interagirem foi um processo grande de aprendizagem: falamos de equipas de 40 a 50 pessoas só na área criativa. Obviamente que nem todos com o mesmo poder de decisão. Mas penso que houve essa abertura da parte da comissão nacional. Estamos num processo evolutivo apesar da figura da comissária geral ser constante desde as primeiras participações. É uma figura com uma visão muito clara do que devem ser as participações de Angola, e que transmite a mensagem muito bem, o que acaba por ser bom. Temos discussões homéricas mas chegamos a meio termo.

Não deve ser fácil lidar com estruturas que são rígidas por tradição e definição.

Não é fácil, este é um caso particular, mas há outras experiências que nem sempre deram certo. Ser totalmente inde-

Short and long term rentals

Alugueres de curta e longa duração

**Make your reservation!
Faça a sua reserva!**

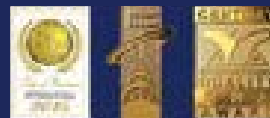
▶ **Moçambique**

+258 829 162320 | +258 843 162320

▶ **Angola**

+244 926 646050 | +244 921 548476

www.wincarrental.com



*Your local partner in rent a car
O seu parceiro em rent-a-car*

pendente também não é tão simples assim. Mas é necessário conhecer as instituições e perceber a sua essência e a sua forma de trabalhar. É possível fazer pontes e cruzar conhecimento e competências, até para podermos abordar as instituições quando necessário. Por outro lado, não se pode somente criticar à distância, para se poder pelo menos influenciar e/ou caminhar para algumas mudanças é preciso estarmos por dentro.

Já passaram alguns anos sobre o Leão de Ouro para o Pavilhão de Angola na Bienal de Veneza, em 2013. É um dos prémios mais prestigiados do mundo artístico internacional. Que consequências teve para os artistas angolanos? É um marco para a cultura angolana?

Penso que é um marco. Não tanto para a cultura angolana, mas para o continente africano com certeza que é. Ainda é uma coisa meio inédita. E penso que não se sabe muito bem como se enquadra na cultura angolana. A história também não foi bem contada. Mesmo assim mudou alguma coisa na forma como os artistas locais trabalham, abriram-se novas oportunidades e novos caminhos para percorrer. Agora temos alguma pluralidade de vozes e isso é ótimo. Há outros problemas, mas que fazem parte do processo. Até hoje, quando trabalhamos com colegas africanos, o Leão de Ouro é algo em que as pessoas se orgulham muito. O contexto no geral foi importante e de certa forma é um prémio que vem na sequência de algum trabalho prévio da nossa parte. Mas também de diversos agentes culturais, críticos, curadores, artistas, que há muito tempo têm feito um trabalho gigante tanto a nível do continente, como na diáspora. E na edição seguinte da Bienal de Veneza o director-artístico era nigeriano e o número de países africanos participantes tanto na Bienal de Artes como na de Arquitectura tem aumentado consideravelmente.

Nos últimos anos, o espaço que pertence aos artistas e curadores africanos começou a ser efectivamente ocupado e apropriado?

Houve um despertar porque aumentou exponencialmente a participação africana em Veneza, neste caso especial, mas também em outros eventos internacionais. Somos tão bons quanto os outros. E andamos a dizer isto há muito tempo. Mas é necessário participar, mostrar que existimos e ocupar os espaços. Por outro lado, são investimentos altos mas que valem a pena, a todos os níveis. Muitas vezes não compreendemos isto. O simples facto de um artista africano se fazer representar na Bienal de Veneza aumenta consideravelmente o seu valor comercial. Quem não tem galerista sai de lá com representação internacional. Por exemplo, olho sempre para o projecto do Zimbabué, que tem consistência. Nem sempre tem impacto mediático mas há todo um trabalho a ser feito de modo a que os artistas possam ser mais reconhecidos. Todos os anos as obras são compradas por coleccionadores e os artistas circulam por outros eventos. O pavilhão Luanda Cidade Enciclopédica foi comprado pela Colecção Zeitz e foi um dos destaques

We ourselves have a lot that draws us closer and makes us different. I felt this in my African colleagues. Last year, I was at the art fair in Johannesburg and someone very active on the Ethiopian cultural scene came to talk to me. The first thing he said to me was that he had been at the Angola Pavilion at the Milan Expo, and that he would very much like to know our experience because he is working in that country's pavilion. In Milan, many Africans came to tell us that they were proud of the Angolan pavilion. It is interesting this common language, this perception that we have to walk forward and get out of our comfort zone.

Most artists do not appreciate the idea of being institutionalized, in the sense of having a professional relationship with ministries, public institutions, usually with very strict processes and agendas. How did you fit into the work of the committee and in this more institutional perspective?

I think one of the keys is that, in the end, the result is the result of the joint work of many different actors. And we can find platforms for dialogue, which is difficult among people with many ideas. Openness to interacting with people was a great learning process: we are speaking of teams of 40 to 50 people, only in the creative area. Obviously, not all with the same power of decision. But, I think there was such openness on the part of the national committee. We are in an evolutionary process, although the figure of the general commissioner has been constant since the first participations. It is a figure with a very clear vision of what should be the participation of Angola, and that conveys the message very well, which turns out to be good. We have Homeric discussions, but manage to reach a middle ground.

It must not be easy to deal with structures that are rigid by tradition and definition.

It is not easy, this is a particular case, but there are other experiences that were not successful. Being totally independent is also not that simple. But it is necessary to know the institutions and perceive their essence and the way they work. It is possible to bridge and cross knowledge and skills, so that we can approach institutions when necessary. On the other hand, one cannot only criticize at a distance. In order to be able to, at least, influence and/or walk towards some changes, one must be on the inside.

There has been some years since the Golden Lion for the Angola Pavilion at the 2013 Venice Biennale. It is one of the most prestigious awards in the international artistic world. What consequences did it have for Angolan artists? Is it a landmark for Angolan culture?

I think it's a milestone. Not so much for the Angolan culture, but for the African continent, surely it is. It's still a half-new thing. And I do not think we know very well how it fits into the Angolan culture. The story was not well told either. Even so, something has changed in the way local artists work, new opportunities have opened up and new avenues to follow. Now we have some plurality of voices and that's great. There are other problems, but they are part of the process. To this day, when working with African colleagues, the Golden Lion is something people are very proud of. The context in general was important and, in a way, it is a prize that follows some previous



do novo Museu de Arte Contemporânea em Cape Town, inaugurado em Setembro deste ano. A própria obra do Edson Chagas rodou o mundo e em vários museus.

E como analisa uma África do Sul cheia de artistas, de criadores, muitos museus, uma economia forte? A recente eliminação dos vistos entre os dois países é daquelas coisas simples que animam os cidadãos em geral?

Tenho trabalhado muito na África do Sul, tenho lá muitos amigos. É um país com infra-estruturas: as universidades são muito boas, saem dali grandes artistas. Tem crítica, tem museus, há investimento em programas públicos neste sector e os privados também são muito activos. Começa a haver a percepção da cultura enquanto agente, não só de promoção mas também enquanto eixo fundamental para as trocas culturais e os trânsitos entre diferentes contextos. A cultura educa e cria empatia, ajuda-nos a conhecer e entender melhor o outro. Por outro lado, em Angola estamos muito ilhados, muito fechados. A questão dos vistos era inevitável. Do ponto de vista das relações culturais temos todos muito a ganhar e a aprender com esta abertura.

Curiosamente, acabou de inaugurar, em Luanda, uma exposição que aborda estas questões.

A exposição surge a convite de uma instituição sul-africana, precisamente para tentar criar estes diálogos críticos e culturais na região. Ainda não se tinha conseguido tirar a exposição para outros contextos, acontecia sempre em Joanesburgo. Este ano foi uma ousadia. E a exposição acontece neste momento de abertura entre Angola e a África do Sul. Uma total coincidência, mas que demonstra que, enquanto agentes culturais, já estávamos no caminho certo.

work on our part. But there are also many cultural agents, critics, curators and artists who have been doing a great deal of work both on the continent and in the diaspora. And in the following edition of the Venice Biennale the artistic director was Nigerian, and the number of African countries participating in both the Arts Biennial and Architecture Biennial has increased considerably.

In recent years, has the space of African artists and curators begun to be effectively occupied and appropriated?

There was an awakening because African participation in Venice has increased exponentially, in this particular case, and also in other international events. We are as good as the others. And we've been saying this for a long time. But, it is necessary to participate, to show that we exist and occupy spaces. On the other hand, they are high but worthwhile investments, at all levels. We often do not understand this. The mere fact that an African artist is represented at the Venice Biennale greatly increases his or her commercial value. Those without a gallery, leave the fair with international representation. For example, I always look at the Zimbabwean project, which has been consistent. It does not always have a media impact, but there is a great deal of work being done to earn the artists more recognition. Every year, the works are bought by collectors and the artists circulate in other events. The Luanda Encyclopedic City Pavilion was purchased by the Zeitz Collection and was one of the highlights of the new Museum of Contemporary Art in Cape Town, which opened in September this year. The very work of Edson Chagas has been exhibited around the world and in several museums.

And how do you analyze a South Africa full of artists, creators, many museums, a strong economy? Is the recent elimination of visas between the two countries simply something to cheer up citizens at large?

I have worked a lot in South Africa, I have many friends there. It is a country with infrastructures: universities are very good, they produce great artists. It has critique, it has museums, there is investment in public programs in this sector, and private investors are also very active. There is a perception of culture as an agent, not only of promotion but also as a fundamental axis for cultural exchanges and transits between different contexts. Culture educates and empathizes, it helps us to know and understand each other better. On the other hand, in Angola, we are very much isolated, very shut up. The visa issue was inevitable. From the point of view of cultural relations, we all have a lot to gain and learn from this openness.

Curiously, you have just inaugurated in Luanda an exhibition that addresses these issues.

The exhibition comes at the invitation of a South African institution, precisely to try to create these critical and cultural dialogues in the region. It was not yet possible to take the exhibition to other contexts, it always happened in Johannesburg. This year was a daring one. And the exhibition takes place at this moment of openness between Angola and South Africa. A total coincidence, but that shows that, as cultural agents, we were already on the right path.